

## **“EXCEPCIONALIDADE COTIDIANA”: VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO JORNAL ESQUEMA OESTE, GUARAPUAVA, PARANÁ (ANOS 1980)**

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz  
Willian Fernando Peplow

**Resumo:** Este artigo discute a violência contra as mulheres a partir das notícias veiculadas pelo jornal Esquema Oeste, de Guarapuava, Paraná, nos anos 1980. Foram utilizadas edições do jornal semanal tendo como base teórica as discussões feministas sobre a violência e observando o gênero como categoria de análise histórica. A pouca visibilidade desse tipo de crime no período leva-nos a argumentar que os casos publicizados apenas ganharam destaque por serem vistos como eventos excepcionais. O jornal, nesse sentido, redimensionava esses fatos, deslocando-os do campo privado para o campo público, por meio de notícias.

**Palavras-chave:** Violência contra as mulheres, gênero, imprensa, História do Brasil.

### **Excepcionalidad de lo cotidiano: violencia contra mujeres en el periódico Esquema Oeste, Guarapuava, Paraná (años 1980)**

**Resumen:** Se discute la violencia contra mujeres por medio de las noticias transmitidas por el periódico Esquema Oeste, de Guarapuava, Paraná, en los años 1980. Se utilizaron ediciones del periódico semanal teniendo como base teórica las discusiones feministas sobre la violencia y observando el género como categoría de análisis histórico. La poca visibilidad de este tipo de crimen en el período nos lleva a argumentar que los casos publicitarios sólo ganaron destaque porque vistos como eventos excepcionales. El periódico, en ese sentido, redimensionaba esos hechos, desplazándolos del campo privado al campo público, por medio de noticias.

**Palabras clave:** Violencia contra mujeres, género, prensa, Historia de Brasil.

### **Ordinary exceptionality: violence against women in Esquema Oeste newspaper, Guarapuava, Paraná (1980s)**

**Abstract:** This paper stresses the violence against women based on the news published by the newspaper Esquema Oeste, Guarapuava, Paraná, in the 1980s. Weekly newspaper editions were read on the basis of Feminist discussions on violence, observing gender as a category of historical analysis. Low visibility of this crime in the 1980s local media leads us to argue that the cases publicized gained prominence by being seen as exceptional events. The newspaper, in this sense, reshaped these facts, moving them from the private field to the public field, by means of published news.

**Keywords:** Violence against women, gender, press, Brazilian History.

A violência contra as mulheres tem sido considerada, nas últimas décadas, como um problema social recorrente na sociedade brasileira, e esse reconhecimento é fruto de uma incansável luta feminista em retirá-la do âmbito do segredo e do privado para ser lida, questionada e debatida em praça pública. Luta essa que ainda está em curso, haja vista que os casos de violência contra as mulheres e de feminicídios no Brasil são alarmantes. Em pesquisa realizada pelo instituto Avon (2014), na qual foram entrevistadas 2.046 pessoas (dentre homens e mulheres) com idade de 16 a 24 anos, 78% das mulheres afirmaram que haviam passado por algum tipo de assédio (em locais públicos) e 66% admitiram que sofreram algum tipo de agressão ou controle pelos parceiros amorosos. É necessário frisar que o número apresentado pode ser maior, tendo em vista que muitas mulheres ainda sentem-se incomodadas em expor as agressões sofridas.

Nesse âmbito, a visibilidade crescente que os meios de comunicação vêm atribuindo a esse tipo de violência na contemporaneidade – decorrente da pressão exercida por algumas esferas – tornou-se de grande relevância para o combate e para a desconstrução de estereótipos e concepções

associadas à questão, uma vez que o discurso proferido pelas esferas midiáticas acaba sendo utilizado como embasamento para os sujeitos inseridos no cotidiano social construírem suas percepções sobre variados temas.

Em outras conjunturas espaço-temporais, contudo, a abordagem desenvolvida acerca dessa forma de violência pelos meios de comunicação acabou sendo estabelecida de maneiras diversas, devido ao modo como essas agressões (físicas e psicológicas) eram entendidas pela sociedade. Desta maneira, no decorrer deste estudo buscou-se analisar como um jornal de grande circulação no município de Guarapuava, na região centro-sul do estado do Paraná, tratou a violência contra as mulheres no interior do estado a partir das edições do jornal *Esquema Oeste*, principal periódico de circulação regional na década de 1980. Refletir sobre essa questão permite desenvolver uma compreensão acerca de como os entendimentos sobre a violência contra a mulher foram elaborados e reafirmados por uma imprensa local, que por sua vez refletem e interferem nas percepções construídas pela sociedade de Guarapuava/PR sobre a temática.

As fontes utilizadas aqui são artigos e matérias de um jornal local, e sobre a metodologia de trabalho com esse tipo material a historiadora Tânia Regina de Luca (2014) aponta que, ao se utilizar tal documentação, deve-se compreender que a produção e as especificações físicas de jornais são dinâmicas, haja vista a modificação da sua materialidade de acordo com o tempo.

Outro ponto importante é entender qual grupo social controla a construção e as funções sociais de um dado periódico, pois essas características condicionam as concepções e ideais constantes na fonte. Também se torna necessário perceber qual é o público alvo desse tipo de material e os membros do seu corpo editorial (estabelecendo suas ligações com os poderes sociais e interesses financeiros), pois esses aspectos interferem nas temáticas trabalhadas no interior do periódico.

Por fim, cabe salientar que Tânia de Luca (2014) expõe que essas percepções são encaminhamentos metodológicos, não devendo ser compreendidos como um roteiro rígido de procedimentos de pesquisa e de análise, uma vez que o trabalho com a fonte é permeado por um contínuo dinamismo.

O jornal *Esquema Oeste* foi fundado em 1970 em Guarapuava/PR, tendo circulado por aproximadamente 30 anos. Ao descrever o jornal, Walquíria de Lima e Éverly Pegoraro, observam que "na redação, atuavam dois repórteres, um profissional exclusivamente para cobertura do esporte e dois colaboradores. A última página era, na maioria das vezes, dedicada exclusivamente à cobertura esportiva. As matérias em geral não eram assinadas. A coluna *Fatos em Destaque* era uma das exceções" (LIMA; PEGORARO, 2016, p. 7). O editor e diretor do jornal, Leonel Farah posiciona o jornal como "livre e autêntico" (FARAH, 1975 *apud* LIMA; PEGORARO, 2016, p. 8).

Leonel Júlio Farah, conforme aponta o historiador Vladson Pateneze Cunha (2014), deteve grande influência política na região de Guarapuava. Ele foi membro do Partido Democrático Trabalhista (PDT) até 1988, quando, por desavenças, rompe com o partido e com o prefeito do município à época, Luiz Fernando Carli. Posteriormente, Farah vinculou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL) (QUADRO POLÍTICO, 2017).

De acordo com as autoras, segundo o diretor do periódico, "Guarapuava, na época, era uma cidade em que manter um jornal com a publicidade era difícil." Um dos principais objetivos do jornal,

segundo seu diretor, era "transmitir ao seu público informações corretas, levantar problemas e apontar soluções, contribuir com o debate e esclarecimento da opinião pública, entre outras qualidades de um bom jornal" (FARAH, 1975 *apud* LIMA e PEGORARO, 2016, p. 8). As historiadoras Rosemeri Moreira e Renata Virgínia Costa (2016) apontam que "em janeiro de 1989 esse jornal foi transformado legalmente em órgão oficial do Município de Guarapuava (Lei n. 70/89) [...] e trazia notícias locais, nacionais e estaduais. [O jornal] circulou entre 1970 e 1998" (MOREIRA; COSTA, 2016, p. 73).<sup>1</sup>

Para Vladson Cunha (2014), o jornal *Esquema Oeste* pode ser caracterizado como uma empresa familiar, tendo em vista a quantidade de membros da família Farah que participavam de sua elaboração. Com edições que variavam de 6 a 16 páginas, os principais assuntos eram os temas políticos, os esportivos (regionais e nacionais), os econômicos e o cotidiano da elite regional. Gradualmente, devido à atuação e vinculação política de Farah, o impresso transformou-se em uma espécie de difusor dos informativos e realizações do grupo que exercia o poder municipal.

De acordo com Lima e Pegoraro, "havia a presença de um número considerável de artigos opinativos que variavam de edição para edição" (LIMA; PEGORARO, 2016, p. 8). Já as historiadoras Rosemeri Moreira e Renata Costa (2016) observaram que a ênfase do jornal sobre a política partidária local e estadual apresentava artigos majoritariamente assinados por "homens ligados ao executivo, ao legislativo, aos partidos políticos, ou [que] ocupavam cargos públicos em geral, além é claro, de articulistas políticos, jornalistas e colunistas, pessoas que possuíam algum tipo de popularidade local ou estadual" (MOREIRA; COSTA, 2016, p. 73). Essa realidade editorial era diferente do que ocorria com as mulheres presentes no jornal durante a década de 1970, já que elas "aparecem como colunistas focadas em assuntos ditos femininos, tais como receitas, educação das crianças, organização de festas e decorações. [...] Algumas poucas mulheres escreviam breves textos sobre educação ou sobre a sociedade local" (MOREIRA; COSTA, 2016, p. 73).

O balizamento temporal proposto para a leitura de artigos ligados à violência contra as mulheres nas edições do periódico *Esquema Oeste* compreende o período de 1980 a 1985.

Ao trabalhar com a imprensa como fonte de pesquisa histórica, torna-se importante salientar que este meio de comunicação elabora o que podemos considerar, a partir do historiador Roger Chartier (2002), como representações, ou seja, um conjunto de percepções que atribuem sentido para o presente e para o passado. Quando percorremos as páginas da imprensa, ainda mais a local a partir dessa perspectiva, é fundamental percebermos tais construções como nunca sendo neutras e sempre sendo vinculadas a concepções e ideais de grupos incorporados à imprensa. Os jornais, como empresas, são agrupamentos alocados em ambiente de concorrência, em que os embates estão voltados para quem detém o exercício do poder e da dominação. Uma vez que esse conjunto de percepções do social impõe uma autoridade, possibilita a legitimação de projetos e condiciona condutas e comportamentos dos indivíduos que partilham (consciente ou inconscientemente) dessas representações. Nesse sentido, importa salientar que o passado, para esses sujeitos, existiria por meio dessas mesmas representações, que seriam uma maneira de trazer o vivido ao presente como reelaboração, representação ou fábula.

Essa fonte, os impressos, produz discursos acerca da realidade e do cotidiano em sociedade. Michel Foucault (1999), ao discutir a noção de discurso, aponta que ele pode ser caracterizado como

agrupamento de enunciados linguísticos que estariam localizados em determinado contexto espaço-temporal. Cabe salientar que tais enunciados caracterizam-se como uma unidade elementar que compõe o discurso.

### **A problematização da violência contra as mulheres no Brasil**

As pesquisas sobre violência contra as mulheres emergiram no Brasil no final da década de 1970, sendo desenvolvidas principalmente no interior do movimento feminista. É bom lembrar que essa emergência deu-se em um processo de abertura política que culminaria com o fim do regime militar em 1985.

Wânia Izumino e Cecília Santos (2005) pontuam pelo menos três correntes teóricas que tem norteado as pesquisas sobre violência contra as mulheres. Inicialmente esses trabalhos concebiam-na como uma manifestação da dominação do homem sobre a mulher, percepção conceitual que desenvolveu a anulação da autonomia das mulheres em situação de violência. Apesar de algumas inconsistências, essa perspectiva acabou ocasionando um aumento de visibilidade sobre a questão. Dentre as (os) intelectuais que foram influenciadas (os) por essa corrente, a filósofa Marilena Chauí (1985) demonstra que a violência contra as mulheres seria resultante de uma ideologia que impõe ao feminino inferioridade frente ao masculino. Essa desigualdade veio posteriormente a ser transformada em hierarquia naturalizada, devido aos discursos que imperavam sobre as mulheres, principalmente no que diz respeito aos seus corpos.

A segunda corrente tem tratado de compreender a violência contra a mulher como expressão do patriarcado. Assim, as mulheres passaram a ser compreendidas como sujeitos sociais autônomos porém submetidos historicamente ao controle masculino. Essa perspectiva teórica teve como expoente no Brasil a socióloga Heleieth Saffioti (1976), que associou dominação masculina, capitalismo, racismo e machismo.

Já a terceira vertente apontada por Wânia Izumino e Cecília Santos (2005) propõe uma relativização da noção de dominação masculina e da vitimização feminina, sugerindo que a violência acaba sendo compreendida como um jogo de poder. Dessa forma, Maria Filomena Gregori (1993) problematiza as divergências entre os discursos e as práticas feministas acerca das relações conjugais, levando em consideração as mulheres que vivenciaram situações de violência, compreendendo-a nas relações matrimoniais como uma comunicação entre homens e mulheres, na qual os indivíduos envolvidos conferem significados às ações desenvolvidas. Dessa maneira, esse relacionamento conjugal acaba adquirindo um caráter de jogo relacional ao invés de um embate de poder.

Essas três vertentes que influenciaram as pesquisas sobre a violência contra as mulheres possibilitaram melhor apropriação e problematização da temática, tornando-se elas mesmas importantes no combate a essa forma de violência, além de contribuírem para a desconstrução de estereótipos vinculados ao problema, com consequências para a formulação de políticas públicas, para o processo decisório e para a sofisticação de pontos de partida para novas investigações.

Durante a realização dessa pesquisa, as discussões de gênero possibilitaram a problematização das fontes jornalísticas a partir da perspectiva de permeabilidade do cotidiano pelas relações de poder assimétricas entre homens e mulheres (SCOTT, 1990). Nesse sentido, a historiadora

Joan Scott (1990) compreende essa categoria como uma maneira inicial de significar as relações de poder que permeiam o cotidiano em sociedade e um dos elementos que estabelecem as relações sociais, que são assentadas nas diferenças entre os sexos. Concepções que estão relacionadas, pois a organização dessas relações condiz com as representações de poder existentes em um determinado contexto espaço temporal. Assim, torna-se possível compreender que os estudos de gênero, apesar de deter como um dos objetos de pesquisa as mulheres, se diferenciam da denominada "história das mulheres", uma vez que essa possuía como intuito preciso de atribuir visibilidade às mulheres no meio historiográfico, enfocando sua atuação como agente histórico nas esferas do privado e do público no cotidiano social.

Para a realização da análise sobre o discurso jornalístico acerca da violência contra as mulheres, tornaram-se importantes as reflexões da socióloga Heleieth Saffioti (2004) e Wânia Izumino e Cecília Santos (2005). Especialmente as percepções relacionadas ao conceito "violência de gênero", categoria de violência geral, que engloba várias formas de agressões, como a violência doméstica e a intrafamiliar.

Para Saffioti (2004), a violência de gênero caracteriza-se como uma expressão da dominação masculina sobre o feminino, associando-se ao patriarcado. Comumente realizada no sentido homem contra mulher, essa violência também pode ser desenvolvida entre homens ou entre mulheres, uma vez que o poder patriarcal (atribuído socialmente à categoria homem) seja delegado, por esse homem, a outro indivíduo. Entretanto, Wânia Izumino e Cecília Santos (2005) relativiza essa associação entre violência de gênero e patriarcado, demonstrando que a perspectiva concebe o poder das partes envolvidas na violência como algo estático. A autora argumenta que as relações de gênero em uma sociedade, entendidas como formas de circulação de poder, devem ser consideradas como dinâmicas nas quais inexistente uma dominação do masculino sobre feminino totalmente polarizada e rígida.

### **Imprensa, mulheres e modernização em Guarapuava/PR**

Andreia Borelli e Maria Izilda Santos de Mattos (2013) apontam que, no decorrer da década de 1980, observava-se um aumento no contingente de mulheres no mercado de trabalho formal brasileiro, devido a uma alteração na maneira de contratação do sistema financeiro nacional, à atuação do movimento feminista pela igualdade social entre os sexos, pela redução do poder de consumo e diminuição da renda mensal de trabalhadores e trabalhadoras e pelo questionamento sobre a organização familiar tradicional e sobre as posições e funções sociais naturalizadas de homens e mulheres (BORELLI e MATTOS, 2013).

Como uma imprensa local de Guarapuava/PR trabalhou com essas questões que habitavam, de uma forma ou de outra, a imprensa nacional?

No âmbito regional, a historiadora Márcia Terezinha Tembil (2007) demonstra que Guarapuava/PR estava inserida em um projeto de modernização idealizado pela elite regional naquele período. Os impressos detinham grande importância na difusão das concepções de progresso partilhadas por essa elite e na visibilidade de uma cidade moderna.

Guarapuava acabou sendo inserida na dinâmica nacional de crescimento econômico a partir da exploração de madeira da Mata Atlântica, em especial a Araucária (*Araucaria angustifolia*) e da

conversão de paisagens locais à agricultura moderna e mecanizada, o que veio, por sua vez, a aumentar o contingente de trabalhadores assalariados e diversificar o comércio local. Por sua vez, a exploração madeireira veio a impulsionar o crescimento urbano e a expansão da classe média local.

A modernização urbana advinda da diversificação econômica veio a dinamizar a apropriação dos espaços da cidade, com o progresso sendo materializado pela demolição de prédios coloniais para dar lugar a edifícios novos, evidenciando, assim, o desejo elitista de realizar um rompimento com o passado colonial em benefício de um futuro idealizado.

É em meio a esse processo de modernização urbana, marcado, também, pelo incremento da desigualdade social característica de regiões de exploração madeireira e de concentração de terras que podemos inferir que a imprensa não deu visibilidade à maioria dos crimes que começaram a emergir com maior frequência na região.

Para Márcia Tembil (2007), a criminalidade detinha uma vinculação com o passado colonial, que se pretendia romper, e poderia interferir no movimento de construção da idealizada cidade moderna. A leitura de matérias de jornal no período elencado para essa pesquisa sugere que, em Guarapuava, *Esquema Oeste* apenas noticiou delitos muito chocantes ou graves, com comoção social e, especialmente, aqueles cometidos em outros municípios da região.

Em meio a uma elite que imprime jornais, é possível inferir que havia uma tentativa de estabelecer, por meio da invisibilidade de crimes locais frente aos crimes cometidos em outras localidades, uma fronteira entre condutas "modernas" de cidadãos de Guarapuava frente a outras nem tanto, de outros locais. O crime, nesse sentido, era o acontecimento "dos outros", e não de Guarapuava/PR. Isso explicaria, por exemplo, as razões de em uma década inteira (anos 1970) serem publicadas apenas 47 notícias ou reportagens sobre violência, criminalidade e assuntos ligados à polícia, de acordo com levantamento de ocorrências elaborado anteriormente (MOREIRA; COSTA, 2016, p. 74).

### **O jornal *Esquema Oeste* e a violência contra as mulheres nos anos 1980**

Das 288 edições de *Esquema Oeste* publicadas na década de 1980, apenas 14 apresentaram alguma menção a casos de violência marcada por gênero. Vale ressaltar que não significa que só apenas esses casos existiram em todo o período. É que as escolhas pautadas em silenciamentos podem ter operado uma espécie de naturalização desses eventos, trazendo-os para a esfera do "corriqueiro", do "cotidiano", do "normal". Mas naquele contexto temporal constata-se, contudo, que em outras regiões brasileiras a violência contra as mulheres adquiria grande importância nos debates realizados no interior do movimento feminista, que elaborava inúmeras campanhas de conscientização sobre os problemas causados por ela. Essas mobilizações, motivadas (em sua grande maioria) pelo assassinato de mulheres, auxiliaram no estabelecimento da categoria "violência contra as mulheres" no senso comum, criando também uma demanda social que acabou exigindo do governo federal uma atuação efetiva no combate e prevenção desta violência.

No decorrer da década de 1980 emergiram os serviços de atendimento a mulheres em situação de violência, bem como as Delegacias de Defesa da Mulher (DDM), principalmente a partir da reivindicação de mulheres vinculadas ao feminismo vindas, em sua grande maioria, do exílio (PEDRO;

WOLFF, 2007). A primeira Delegacia de Defesa da Mulher foi inaugurada em agosto de 1985 no Estado de São Paulo (BRASIL, 2015).

A instalação dessas delegacias nas cidades brasileiras não ocorreria de imediato. Em Guarapuava/PR, uma delegacia especializada foi instalada só em 1996 (FERRAZ, 2008). No final da década de 2000, Maria Raimondo Ferraz observou que a delegacia local, com equipe exclusivamente feminina, atendia aproximadamente 100 ocorrências por mês, pontuando que,

dentre as vítimas de violência doméstica e familiar são encontradas crianças, adolescentes, mulheres adultas e idosas, portadoras ou não de necessidades especiais. Além dela [da Delegacia], há somente o Instituto Médico Legal para atendimento especializado às vítimas de violência (FERRAZ, 2008, p. 10).

As ações dos movimentos feministas, que enfocavam principalmente o espancamento e maus tratos no interior das relações conjugais, promoveram a visibilidade inicial sobre as agressões físicas e psicológicas realizadas contra as mulheres no âmbito do privado e público (SARTI, 2004). Desse modo, reafirma-se que a pouca relevância atribuída ao tema no *Esquema Oeste* caracteriza uma escolha editorial e política, uma vez que existiam debates acerca dessa violência de gênero e também certa pressão de esferas sociais para a discussão da temática, que objetivava uma maior visibilidade e uma resolução para o problema.

Em meio aos casos de violência contra as mulheres noticiados no jornal, encontra-se o homicídio de Tereza Chropacz. Dizia a curta matéria assinada por José de Oliveira Ventura, em janeiro de 1981, o seguinte:

dia 9 último, na localidade de Papanduvás de Baixo, município de Prudentópolis, Mario Chropacz atirou com uma espingarda em sua mulher, de nome Tereza Chropacz, que veio a falecer no dia 12 último. Mario está preso em flagrante e alega que sua esposa vinha mantendo relações sexuais com outro homem. Segundo ele, ela não lhe negou e por isso a matou (VENTURA, 1981, p. 7).

Por meio da leitura da notícia, observa-se que os membros da equipe editorial do jornal não possibilitaram ampliar uma discussão sobre o tema. A notícia transparece uma narrativa objetivista, apenas informando à sociedade que uma mulher havia sido morta. Não se polemiza a violência, nem o processo que levou à ocorrência.

No decorrer do discurso jornalístico, o assassino apresenta uma justificativa para a morte da esposa. Na exposição da tentativa de atribuir legitimidade ao ocorrido, inexistente (no interior da narrativa midiática) um debate ou mesmo uma relativização. Esse aspecto acaba engendrando uma espécie de concordância indireta com a explicação proposta pelo homicida, e demonstra, também, valores e concepções incorporados implicitamente ao jornal como empresa, nas quais a violência contra as mulheres não era entendida como um problema social.

O assassino dizia que as ações violentas empreendidas sobre sua esposa foram motivadas por um caso de traição conjugal. Ao discutir a violência contra as mulheres, Mariana Pereira (2006) aponta que o agressor:

tem arraigadas ideias sobre o que um homem deveria ser e o que uma mulher deveria ser.

frequentemente, os agressores têm um enfoque fantasioso da vida. Pensam que as mulheres têm um único papel na vida: ser dependente, submissa, complacente; e os homens, também um único papel: ser chefe, tomar decisões, dominar, ser macho (PEREIRA, 2006, p. 10).

Por intermédio dessas concepções, juntamente com a justificativa expressa pelo homicida, percebe-se que o agressor partilhava dessas ideias fantasiosas sobre as relações de gênero em uma sociedade. A partir do instante no qual sua esposa passa a apresentar um "comportamento destoante" do "patrão natural" e rompe com a submissão firmada através do casamento, este esposo frustra-se e compreende a violência como um mecanismo para reestabelecer sua dominação sobre a mulher e sua masculinidade, que havia sido questionada com o adultério.

Havia casos nos quais o jornal deixava claro seu posicionamento acerca do papel de mulheres em sociedade, bem como o apoio à função repressora e socialmente partilhada com relação ao que, quando e como deveriam comportar-se. Matéria assinada pelo mesmo articulista que falava do assassinato de Tereza Chropacz, José de Oliveira Ventura, em setembro de 1981 noticiava que "Menores promovem escândalo e vão parar na 14ª DP":

Sábado último a Polícia prendeu quatro jovens que brigavam escandalosamente em plena praça. Segundo alguns populares, disseram que já era hora mesmo de tomarem providência quanto a essas 'mocinhas' que andam por aí fazendo os maiores escândalos pelas ruas e pelas praças públicas, proferindo palavões até para casais que passam (VENTURA, 1981, p. 7).

A historiadora Kety Carla de March (2015), ao discutir masculinidades, demonstra que a legislação brasileira do início do século XX atribuía aos homens a tomada de decisões no espaço privado. Esse aspecto submeteu as mulheres à tutela masculina mesmo no interior das relações conjugais, tendo em vista que o controle sobre os membros da família também constituía função de comando atribuída ao homem.

A necessidade dos homens em disciplinar as mulheres (sujeitadas ao seu poder) que apresentassem um comportamento destoante do papel social vinculado ao feminino fazia com que, nessa perspectiva descrita por de March (2015), a violência fosse compreendida como um mecanismo utilizado para "corrigir" mulheres. Percebe-se os resquícios dessas premissas jurídicas e sociais a partir do momento no qual o cônjuge de Tereza Chropacz pretendeu explicar as atitudes violentas cometidas contra sua esposa.

Esses papéis sociais vinculados ao masculino e ao feminino foram construídos por uma sociedade envolta em percepções machistas e patriarcais, que conseqüentemente estabeleceu uma desigualdade estruturante entre os sexos nas relações cotidianas.

Como elencado anteriormente, este caso de violência contra Tereza Chropacz não obteve muita visibilidade no jornal, uma vez que o destaque atribuído a uma determinada ocorrência cotidiana tem ligação com a comoção e interesse social engendrado sobre esse incidente, pensado na imprensa como notícia que pode ser lucrativa. Ao percorrer edições próximas àquela que vinculou a notícia não foi possível perceber qualquer reação a ela pela sociedade de Guarapuava, o que demonstra que o tema não era de interesse.

Se essa notícia anterior não despertou muita atenção, não se pode generalizar a conduta do



jornal para todos os crimes, nem se pode afirmar que crimes de violência de gênero não fossem necessariamente ignorados. Os crimes que geravam comoção eram bastante explorados do ponto de vista editorial.

Em meado de 1982, no interior de uma reportagem que tratava do aumento do número de crimes "bárbaros" na região de Guarapuava/PR, uma adolescente violentada e assassinada ganhou as páginas do *Esquema Oeste*. "A população de Guarapuava também não se conforma com o drama da família", afirmava a notícia ao informar que a adolescente de 17 anos, Lucélia Mara Dulci, foi vítima de violência quando retornava para a residência onde morava (BAÍÁ, 1982, p. 5). A articulista Rosangela Maria Baía apresentava o crime a partir do seguinte texto:

os pais da jovem Lucélia foram sexta-feira pela manhã à rádio Cultura, desesperados, não era ainda nem sete horas. Pediram para que se colocasse um aviso na rádio, dizendo do desaparecimento da filha. Mal acabaram de sair ligaram para a rádio avisando que o corpo da garota havia sido encontrado. A família Dulci (João e Luiza) tem mais três filhos, mas não se conformam com a morte brutal e incoerente da filha, que voltava da escola, não devia ser 23 horas, quando um tarado débil a abordou e fez o que fez (BAÍÁ, 1982, p. 5).

Para não transmitir a imagem de cidade violenta, em meio à efetivação do projeto de modernização urbana, a narrativa da matéria tinha início apontando que "a onda de crimes que assola o país, crimes de caráter selvagem, se propaga a cada dia" (BAÍÁ, 1982, p. 5) e que a família, vindo recentemente de Curitiba para Guarapuava "pensava que os crimes [ali] fossem inexistentes" (BAÍÁ, 1982, p. 5). Essa introdução, além de ser utilizada como mecanismo para vincular os problemas do município a um âmbito nacional, associa indiretamente o caso de violência contra as mulheres abordado posteriormente a uma excepcionalidade, que portanto, não permearia o cotidiano de Guarapuava/PR.

Diferente do homicídio de Tereza Chropacz, narrado sob o tom da objetividade de um crime comum, a matéria agora em análise buscava instigar algum tipo de reflexão tanto sobre o crime como sobre o incremento esporádico da criminalidade na região. Continuava a matéria, dizendo que:

a situação continuará do jeito que está enquanto as penalidades para os crimes violentos forem tão brandas como são. O que merece de fato um sujeito que violenta uma menina, mata, estrangula, usa e abusa e deixa-a abandonada num terreno baldio, frio e escuro onde no dia seguinte será manchete de jornais, exposta nua e abandonada aos olhos atônitos de inúmeras pessoas?! Que situação a dessa menina que depois de sofrer tanto ainda tem que servir de exposição (BAÍÁ, 1982, p. 5).

O jornal problematiza o caso de violência, relacionando-o à ineficiência do sistema judiciário brasileiro. Ao focar a violência contra as mulheres, esse discurso dá visibilidade às agressões ocasionadas no mundo público, deixando de levantar outros pontos que poderiam configurar uma leitura mais sofisticada da questão, tais como a desigualdade de gênero. O assunto foi retomado pelo jornal em agosto de 1982, numa nota curta dizendo que a investigação ainda não havia sido conclusiva.

Em 1983 o assunto volta à baila, com uma mudança expressiva na sua história. Dessa vez, a polícia apresentava um suspeito, José Alceu de Paula, indicado como coautor do crime e o jornal apresentava uma matéria de responsabilidade dos editores com o seguinte teor:

quase oito meses depois do assassinato da jovem estudante Lucélia Mara Dulci, a polícia apresentou na segunda-feira 28 à imprensa, José Alceu de Paula, como coautor daquele crime bárbaro. Segundo as informações conhecidas, o mecânico teria sido denunciado por um telefonema anônimo ao dr. Paulo Barreto, delegado-chefe, mas nada ainda pode ser esclarecido se o suspeito é verdadeiramente culpado. Naquele mesmo dia, José Alceu de Paula confessava o crime. No outro, desmentia (ESQUEMA OESTE, 1983, p. 5).

A matéria dizia que, de acordo com o acusado, o "pau de arara" o teria feito confessar um crime que não cometeu. O jornal ainda afirmava que a descrição dos acontecimentos fornecida pelo acusado não condiziam com as declarações de uma colega da vítima. Devido às contradições, o juiz de direito da comarca, Arthur Heráclito Gomes Neto, não decretou a prisão preventiva do suspeito, solicitada pelo delegado. O acusado, por sua vez, relatava que ficara preso por três dias, com mulher e filho pequeno, sendo submetido à tortura por policiais não identificados (ESQUEMA OESTE, 1983, p. 5).

O advogado de defesa do acusado, por sua vez, tinha sua opinião resguardada pelo jornal de acordo com o seguinte:

se as coisas se passaram desse jeito, o suspeito agora passou a ser vítima. Segundo o advogado Élcio Melhem, será procedido exame corporal em Alceu e, dependendo da sua vontade (ele hoje se acha com medo, temendo, inclusive, represálias), 'é que veremos a atitude a ser tomada quanto aos espancamentos'. Nesse caso, o crime é abuso de autoridade e, se comprovado, os responsáveis podem ser despedidos da corporação (ESQUEMA OESTE, 1983, p. 5).

Por meio da exposição e problematização da abordagem empreendida pelo impresso *Esquema Oeste* sobre o assassinato de Lucélia Dulci, verifica-se que os casos dessa violência de gênero ocorridos na região eram mais explorados do ponto de vista da imprensa quando tinham apelo social maior, contudo, poderiam ser utilizados como pano de fundo para debater temáticas e crimes considerados "mais importantes" pelo corpo editorial, como reflexos de uma realidade que começava a surgir em Guarapuava/PR "de fora".

Posteriormente tem-se uma última menção ao crime, na edição 705, do *Esquema Oeste*, 1984 (ESQUEMA OESTE, 1984), edição essa que também comemorava o reduzido índice de criminalidade no município. Constatava-se que o crime não fora solucionado, que o suspeito acabou sendo liberado, mesmo que houvesse evidências de que o ligavam ao local do crime. Parece que a denúncia sobre a tortura que teria sido realizada pela polícia foi mais forte do que o pedido de prisão preventiva feito pelo delegado.

Durante o início da década de 1980, outro caso de violência contra as mulheres adquiriu destaque nas páginas do *Esquema Oeste*. O caso de violência noticiado refere-se ao homicídio de Sofia Darviche, que foi assassinada próxima a sua residência no dia 8 de outubro de 1983. De acordo com o jornal,

o principal suspeito da morte de Sofia Darviche é o seu marido, Ali Dib Darviche, pois, segundo queixas da esposa junto à polícia, ele constantemente a maltratava. Em depoimento prestado à polícia, Ali Darviche declarou que vivia bem com a esposa, mas as autoridades policiais informaram que ele já esteve recolhido no xadrez da delegacia por tê-la agredido e feito ameaças. Também pesa sobre o marido da vítima o fato de que estavam separados e que havia divergências quanto a bens e dinheiro (ESQUEMA OESTE, 1983, p. 2).

Aspecto interessante na reportagem é que a exposição do crime implicitamente desconsiderava a autonomia feminina, ao apresentar Sofia como esposa de Ali, mesmo ambos estando separados. Essa questão reafirma a submissão feminina ao masculino, que acabou sendo naturalizada gradualmente no transcorrer da história, causando várias ocorrências de violência contra as mulheres. O desfecho do homicídio foi noticiado em julho de 1984:

o marginal João Bueno Moreira, detido pela polícia no dia 16 como um dos integrantes da quadrilha de seqüestradores, que tentou extorquir 5 milhões do empresário Sergio Fanucchi, acabou por confessar outros delitos, inclusive a morte da mulher Sofia Darviche, ocorrido no dia 08 de outubro de 1983 (ESQUEMA OESTE, 1984, p. 1).

O jornal mostrava que o ex-marido da vítima era o mandatário do crime:

no depoimento prestado à polícia, João contou que no dia 7 de outubro de 1983 foi procurado no serviço (na época disse trabalhar como mecânico numa oficina às margens da BR-277) pelo elemento que se identificou como sendo Ali Dib Darwich. Ali perguntou a João se ele poderia eliminar um ex-sócio seu e quanto cobraria pela empreitada, tendo João respondido que iria estudar o assunto e que passaria na loja de Ali naquele mesmo dia para combinar (ESQUEMA OESTE, 1983, p. 1).

Inúmeras pesquisas, como a de Pereira (2006), demonstram que na maioria dos casos de violência contra as mulheres o agressor detém um contato íntimo com essa mulher em situação de violência, como ocorreu neste assassinato. O discurso em torno das motivações que levaram a realização deste homicídio vincula essa "justificativa" apenas aos aspectos econômicos que estavam envolvidos neste relacionamento. Dessa maneira é possível entender que inexistia um intuito (do impresso) em possibilitar ao público leitor uma reflexão acerca de como as percepções machistas e patriarcais que estavam incorporadas nos relacionamentos violentos ou em outras formas de poder emergentes do crime.

Nas folhas do jornal *Esquema Oeste* há outras narrativas de crimes envolvendo mulheres no período, mas uma grande quantidade de ocorrências sequer chegava a ser registrada. Em uma matéria de 1987 sobre uma série de estupros que pais cometeram contra filhas na região, o escrivão de polícia Wilde Stadler, ao se referir a crimes dessa natureza, informava que os casos "não são raros" (ESQUEMA OESTE, 1987, p. 6).

Os casos de homicídio aparecem novamente na imprensa local na semana de 20 a 26 de fevereiro de 1988, quando duas mulheres, uma de 26 anos e outra menor foram assassinadas (a primeira com muitos golpes de punhal e a segunda com uma pancada na cabeça. Ambas as mulheres apresentavam sinais de espancamento, e "tudo levava a crer que aconteceram por motivos passionais" (ESQUEMA OESTE, 1988).

A atenção dispensada pelo jornal para ambos os casos seguia um padrão estabelecido na notícia de Tereza Chropacz, com narrativa sucinta e objetiva, bem como em outra que falava de um suposto suicídio enredado por um "trágico caso de amor" (ESQUEMA OESTE, 1985). O que é "passional" ou "trágico", "ligado ao amor", pareceria estar mais adequado a uma cidade que convivia, pretensamente, sem o problema endêmico da violência apresentada em outros centros urbanos,

conforme atestava, no início da década, o delegado de polícia Paulo Barreto (ESQUEMA OESTE, 1982).

### **Considerações finais**

A partir da exploração de algumas notícias sobre crimes de violência contra mulheres publicados pela imprensa escrita em Guarapuava/PR nos anos 1980, observa-se a ansiedade de uma localidade que se moderniza com o fenômeno da violência, mas também a naturalidade com que a sociedade trabalha com alguns crimes e não com outros.

A pouca exposição de crimes contra as mulheres, uma constante que era percebida à época por profissionais do setor de segurança pública, parece ter contribuído para a construção de uma ideia de "excepcionalidade cotidiana" quando o tema era a violência contra a mulher na região de Guarapuava/PR nos anos 1980, fazendo com que o público leitor criasse uma percepção calcada na invisibilidade ou inexistência desse tipo de violência como algo cotidiano. Essa violência era desenvolvida de várias maneiras, como estupros, tentativas de assassinato, pressão e exigência de silêncio por parte de companheiros, elementos todos que também dificultavam a denúncia, como o próprio escrivão de polícia local enfatizava.

Os casos de violência contra as mulheres que adquiriram visibilidade no jornal, partindo da observação das próprias autoridades públicas de segurança já apresentadas, nos levam a crer que foram aqueles marcados por uma violência extrema, acontecimentos que excediam, que ultrapassavam o "limite" tolerado pela sociedade local, que poderia compreender alguns processos de violência com outros sentidos (correção, disciplinamento, coerção e posição "naturalmente" inferior da mulher). Raramente fala-se da violência praticada no mundo privado, mas sim dos que aconteceram na noite, na rua, nos espaços públicos da cidade.

Os adjetivos e verbos utilizados no discurso jornalístico quando da narração dos crimes que apresentamos em nenhum momento mencionam explicitamente "violência contra a mulher". A ênfase é sobre a ação de agressores, contra o silêncio e a subalternização das mulheres-posse (amante de alguém, esposa de alguém, filha de alguém). Assim, é justamente a forma como essa distinção opera discursivamente a partir dos adjetivos e verbos que podemos perceber de que maneira marcam e reforçam a relação desigual, hierarquizada e assimétrica de gênero. Nesse sentido, o termo violência contra a mulher não era empregado na primeira metade da década de 1980 porque, a nosso ver, não era uma *questão*.

A partir da Lei Maria da Penha, em 2006 o uso do termo "violência contra a mulher" foi sendo incorporada pela cultura midiática brasileira. Por outro lado, a partir da Lei do Femicídio em 2015, os casos de assassinatos sistemáticos de mulheres passaram a ser problematizados por uma matriz teórica feminista e, a partir daí, tornaram-se mais divulgados e problematizados em esferas e mídias, principalmente de circulação feminista. No entanto, muitas notícias ainda resistem ao uso do femicídio na imprensa brasileira especializada no universo policial, televisivo ou impresso, apelando, em grande medida, para a justificativa de "crime passionai". O uso das palavras como vemos, é político, onde está em jogo, muitas vezes, a manutenção da vontade de poder masculino sobre os corpos femininos, sob a égide de um reativado patriarcado.

No caso de Guarapuava/PR, por meio do jornal *Esquema Oeste*, podemos afirmar que os casos publicizados apenas ganharam destaque por serem vistos como uma "excepcionalidade cotidiana". Assim, extrapolaram os limites dos lares somente quando a "excepcionalidade" dos fatos ganhavam contornos específicos transformando fatos considerados pelo jornal como parte do campo privado, por meio das notícias, em casos públicos.

O campo de pesquisas sobre a violência contra as mulheres e seu enfoque na mídia (impressa, digital ou televisiva) ainda permanece muito amplo e abrangente, surgindo dessa constatação a necessidade de aumentar os estudos acerca desta temática principalmente no campo histórico. Dessa maneira o presente trabalho, as leituras e as buscas realizadas para o seu desenvolvimento, possibilitam novas reflexões acerca não somente das práticas de violência contra as mulheres, mas principalmente perceber a forma como historicamente foram construídas suas narrativas.

## Notas

<sup>1</sup> No período havia outros jornais na cidade, tais como a *Folha do Oeste*, que circulou de 1930 a 1982, tendo a periodicidade interrompida em vários momentos; a *Folha de Guarapuava*, entre 1979 e 1980 e, ainda, a *Tribuna de Guarapuava*, entre 1994 e 1999 (MOREIRA e COSTA, 2016, p. 73).

## Referências

- AVON. Violência contra a mulher. *O jovem está ligado?* São Paulo: AVON, 2014. Disponível em: <[http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVONviolenciajovens\\_versao02-12-2014.pdf](http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVONviolenciajovens_versao02-12-2014.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- BAÍA, Rosângela M. Os crimes bárbaros e a falta de segurança. *Esquema Oeste*. Guarapuava, 1982, 625 ed., 14-20 ago., p. 5.
- BORELLI, Andrea; MATTOS, Maria Izilda Santos de. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PEDRO, J. M.; PINSKY, C. B. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 126-147.
- BRASIL. *Delegacia da mulher deu início há 30 anos a políticas de combate à violência*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/08/delegacia-da-mulher-deu-inicio-ha-30-anos-politicas-de-combate-a-violencia>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CARNAVAL. *Esquema Oeste*, Guarapuava, 1988, 889 ed., 20-26 fev., p. 3.
- CASO Lucélia: suspeito do crime afirma que confessou sob tortura. *Esquema Oeste*, Guarapuava, 1983, 645 ed., 2-8 abr., p. 5.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura. V. C.; HEILBORN, Maria Luiza (Orgs.). *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 25-62.
- CHEFE de sequestradores é assassino de Sofia. *Esquema Oeste*, Guarapuava, 1984, 708 ed., 21-27 jul., p. 1.
- CUNHA, Vladson Pateneze. *Do lixão ao aterro: uma história socioambiental de Guarapuava/PR (1971-2011)*. 159f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2014.
- FERRAZ, Maria Isabel Raimondo. *Perfil da violência contra a mulher em Guarapuava-PR*. 86f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- IZUMINO, Wânia Pasinato; SANTOS, Cecília McDowell. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, Logronho, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005.
- LABORATÓRIO DE HISTÓRIA AMBIENTAL E GÊNERO. LHAG-Unicentro. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/lhag>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

LIMA, Walquiria; PEGORARO, Éverly. Identidade feminina no jornal *Esquema do Oeste* (1975). *Anais do XVII Intercom – Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Curitiba, 2016.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 111-154.

MARCH, Kety Carla de. *Jogos de luzes e sombras: processos criminais e subjetividades masculinas no Paraná nos anos 1950*. 306f. Tese. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

MOREIRA, Rosemeri; COSTA, Renata Virgínia. Homens, masculinidade(s) e crime no jornal *Esquema do Oeste. Embornal*, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 68-88, jan./jun., 2016.

ONDA de homicídios movimentada a polícia. *Esquema Oeste*, Guarapuava, ed. 672, 15-21 out. 1983.

PAI mantém relação com a própria filha há 4 anos. *Esquema Oeste*, Guarapuava, 864 ed., 22-28 ago. 1987.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o círculo de mulheres brasileiras: feminismo tropical em Paris. *Revista ArtCultura – Revista de História, Cultura e Arte*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 55-69, 2007.

PEREIRA, Mariana Alvarenga Eghrari (Org.). *Protegendo as mulheres da violência doméstica*. Brasília: FNEDH, 2006.

POLÍCIA nada conclui sobre os casos Morgado e Elcionir Heesch. *Esquema Oeste*, Guarapuava, 762 ed., 10-16 ago. 1985.

QUADRO POLÍTICO. Disponível em: «<http://www.quadropolitico.com.br/DadosCandidato/2670333/Leonel-Julio-Farah>». Acesso em: 10 ago. 2017.

REDUZIDO o índice de criminalidade em Guarapuava. *Esquema Oeste*, Guarapuava, 705 ed., 30 jun./6 jul. 1984.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, maio/ago. 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez., 1990.

TEMBIL, Márcia Terezinha. *Em busca da cidade moderna: Guarapuava, recompondo histórias, tecendo memórias*. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2007.

VENTURA, José de O. Matou a mulher. *Esquema Oeste*. Guarapuava, 1981, 545 ed., p. 7.

\_\_\_\_\_. Menores promovem escândalo e vão parar na 14a DP. *Esquema Oeste*. Guarapuava, 1981, 579 ed., 12-18 set.

Recebido em: ago. 2017.

Aceito em: dez. 2017.

---

*Luciana Rosar Fornazari Klanovicz*: Doutora em História (UFSC). Pós-Doutora Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH-UFSC). Docente e orientadora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário na Universidade Estadual do Centro-Oeste. Professora Adjunta do Departamento de História na Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: [lucianarfk@gmail.com](mailto:lucianarfk@gmail.com)

*William Fernando Peplow*: Graduado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: [will.peplow@gmail.com](mailto:will.peplow@gmail.com)